

BALANOPHORACEAE DO ESTADO DA GUANABARA

WANDETE FRAGA DE ALMEIDA FALCÃO
Jardim Botânico do Rio de Janeiro

CARACTERES DA FAMÍLIA

São plantas parasitas, apresentando rizoma tuberoso, com ramificações tuberosas; fôlhas ausentes ou reduzidas a escamas; inflorescência em espádice, capítulo, raramente em panícula; flôres unissexuais, monóicas ou dióicas, sendo as masculinas geralmente com o perigônio livre ou trilobado e as femininas sempre nuas; androceu isostemone; anteras de uma a muitas técas, de deiscência porosa ou rimosa; ovário de 1-3 carpelos, unilocular, com 1-3 óvulos; óvulos sem tegumento; sementes com embrião indiferenciado, incluído no tecido nutritivo; fruto noz ou drupa; endocarpo duro e endosperma oleoso; embrião sem cotilédones.

Dos 6 (seis) gêneros da família em questão, 4 (quatro) ocorrem na Guanabara, a saber: *Lathrophytum*, *Langsdorffia*, *Helosis*, e *Lophophytum*.

CHAVE PARA DETERMINAÇÃO DOS GÊNEROS QUE OCORREM NA GUANABARA

- 1 — Um só estilete *Langsdorffia* Mart.
— Dois estiletos 2
2 — Inflorescência em espiga curta, globosa ou elipsóide
..... *Helosis* L. C. Rich.
— Sem êsse característico 3
3 — Inflorescência em espiga alongada
..... *Lophophytum* Schott et Endl.
— Espadicelas peltadas só na base da inflorescência
..... *Lathrophytum* Eichir.

Langsdorffia

Mart. Eschwege, Journ. v. Brasilien II (1818): 178, t. 5, Nov. gen. et spec.
pl. Brasil III (1829): 181, t. 298, 299.

Rizoma, pelo menos em estado jovem, tomentoso ou viloso, sem fôlhas escamiformes, tubuloso. Inflorescência irrompendo dos ramos ascendentes. Espádices unissexuais dióicos, os masculinos ovais e maiores que os femininos, contuído de um cacho compacto; os femininos esféricos, formando capítulos de 2-4 cm de diâmetro, amarelos, vermelho-amarelados ou avermelhados. Flôres desprovidas de brácteas; flôres masculinas numerosas, pediceladas; femininas sésseis.

Estampa I.



Est. I — Hábito de *Langsdorffia hypogaea* Mart.,
seg. Mart., Fl. Bras.

Perogônio das flôres masculinas constituído de 2-3 tépalas ovais, côncavas, valvares; estames 3-2, dispostos diante das tépalas; filêtes muito curtos, anteras cordiforme-elíticas, sinanteras, extrorsas, ditécas; estilete 1, terminal, cilíndrico, provido na parte superior de papilas estigmáticas; óvulo 1, sem tegumento, oblongo; fruto extraordinariamente semelhante à flor feminina, porém, maior, drupáceo.

LANGSDORFFIA em homenagem a Georg Heinrich von Langsdorff.

Langsdorffia hypogaea Mart. (1818): Os receptáculos das flôres, quando novos, são comestíveis, e o suco da planta é considerado afrodisíaco; das ramificações e, principalmente, do rizoma, se extrai cêra consistente, assemelhando-se à carnaubeira, utilizada no fabrico de velas; a planta quando sêca, é usada pelos indígenas como tocha para iluminação. Vulgarmente é chamada "Rosa de caboclo" e "Sempre viva do mato". É a única espécie desse gênero que ocorre no Brasil.

Segundo H. HARMS, a espécie *Langsdorffia hypogaea* Mart. aparece sobre raízes de FICUS E PALMACEAE (GEONOMA, IRIARTEA, etc.).

Material examinado: RB. 87.987.

Indicação bibliográfica — Eichler (2) Harms (5).

Área geográfica — São Paulo, Estado do Rio, Minas Gerais, Guanabara, Goiás e Bahia.

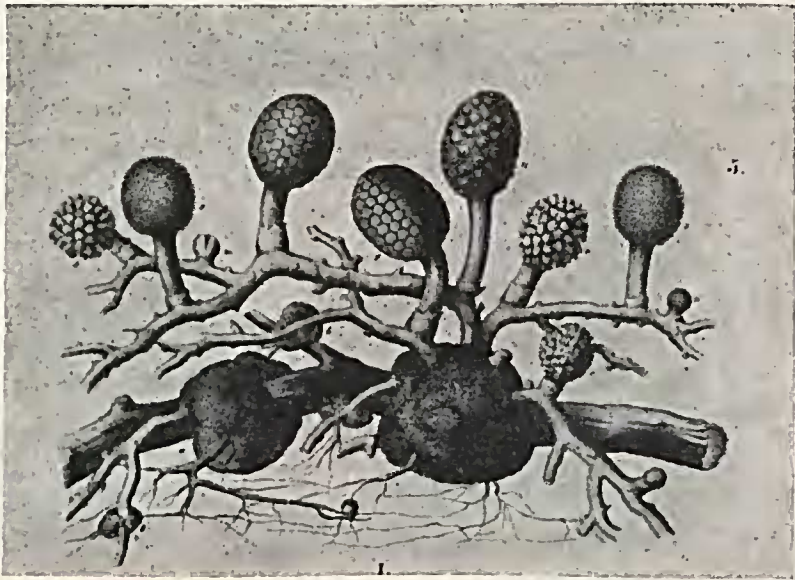
Helosis

L. C. Rich. Mem. Mus. Hist. Nat. Paris VIII (7822) : 409, 416 (13.27) t. 20.

Rizoma constituído de um tubérculo arredondado, às vezes, lobado, de coloração amarela até castanha; pedúnculos florais irrompendo lateralmente dos ramos do rizoma, circundado na base, por uma bainha, às vezes denteada; espádices quase esférico, oval ou oblongo, constituído de capítulos inteiramente comprimidos, cobertos pelas brácteas disciformes que vão do amarelo dourado até ao vermelho, na antese, porém nú; flôres masculinas e femininas irregularmente misturadas, sem brácteas, purpureas ou vermelho-escuras, imersas numa camada densa de pêlos escamiformes; as flôres femininas se desenvolvem antes das masculinas.

Perigônio das flôres masculinas tubuloso, com 3 lacínios oblogo-ovais, de prefloração valvar; estames 3 (seg. EICHLER, dispostos diante dos lacínios do perigônio); filêtes na parte inferior, reunidos em tubo e livres,

Estampa II.



Est. II — Hábito de *Helosis brasiliensis* L. C. Rich, seg. Mart., Fl. Bras.

entre si, na parte superior; anteras 3; flôres femininas nûas (seg. UMIKER, com invólucro atrofiado, pequeno); ovário oblongo, um pouco comprimido, seg. UMIKER: constituído de 2 carpelos; óvulos 2, ortótopos; estiletos 2, divergentes, com estigma quase esféricos.

Helosis — “Formato de prego”.

Helosis brasiliensis Schott et Endl. (1832) — Capítulos jovens globosos ou quase globosos.

Pedúnculos mais longos da inflorescência até 6 cm de comprimento. Segundo H. HARMS aparece sobre raízes de *Piper*.

Encerra uma substância (heloso inulina) semelhante pelas suas reações químicas, à inulina; dos pedúnculos florais é preparado um xarope contra as hemoptises; rizomas quando secos e reduzidos a pó, são empregados nas moléstias intestinais.

Material examinado: RB 74.206.

Área geográfica — Minas Gerais, Estado do Rio, Guanabara, Espírito Santo.

Indicação bibliográfica — Eichler (2) Harms (5).

Lophophytum

Schott. et Endl. Melet (1832): 1, t. I.

Rizoma tuberiforme ou alongado, simples ou lobado, pardo enegrecido, nû na base, para cima coberto com brácteas escamiformes, lanceoladas, imbricadas, persistentes ou caducas. Inflorescências terminais sem bainha na base. Pedúnculo curto, recoberto de numerosas brácteas lanceoladas, persistentes, imbricadas; espádice longo, bissexuado, raramente unissexuado, constituído de numerosos capítulos multifloros; brácteas na base das flôres, geralmente faltam, raramente presentes na flor feminina; na parte inferior os capítulos femininos, pouco numerosos, amarelo-avermelhados ou avermelhados.

Flôres masculinas nûas; estames 2, livres entre si, tendo ao lado uma escama carnosa (rudimento de pistilo); filêtes curtos, filiformes, anteras lanceoladas, ditécas, rimosas; pólen elipsóide; ovário obcônico, 6 anguloso, obtuso; óvulos 2; estiletos 2, curto-filiformes, terminais, com estigmas capitados, quase esféricos. Fruto pequeno, nuciforme, com epicarpo quase crustáceo, e endocarpo drupáceo, bastante espêsso; semente solitária quase obstruindo o putamen, mais ou menos elipsóide, oleosa.

Na Guanabara ocorrem 2 espécies, que são:

Lophophytum Leandri Eichl. (1869) — Inflorescência bissexuada, flôres femininas com brácteas, medindo 2 mm de comprimento. Segundo H. HARMS aparece sobre raízes de *Ingá* e *Apuleia*.

Material examinado: Carpoticca n. 3003.



Lophophytum mirabile Schott. et Endl. (1832) — Inflorescência em espádice alongado, bissexuada. Flôres femininas sem brácteas, 4-5 mm de comprimento. Segundo H. HARMS, sôbre raízes de *Leguminosae*, principalmente *Mimosoideae*. (*Inga*).

Material examinado: RB 74.277.

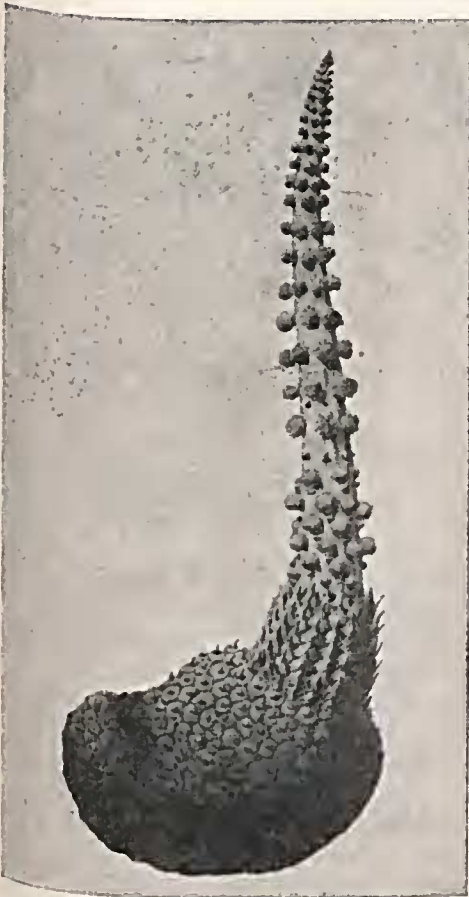
CHAVE PARA DETERMINAR AS ESPÉCIES DE *LOPHOPHYTUM* SCHOTT. ET ENDL. DA GUANABARA

- 1 — Flôres femininas com brácteas *L. Leandri* Eich.
Flôres femininas sem brácteas *L. mirabile* Schott, Endl.

Lophophytum mirabile Schott. et Endl. — Os pendúnculos florais, devidamente cozinhados e ingeridos, têm efeito afrodisíacos, e o líquido resultante é empregado em banhos no tratamento das orquites; o rizoma sêco

L. Leandri — Estampa III.

L. mirabile — Estampa IV.



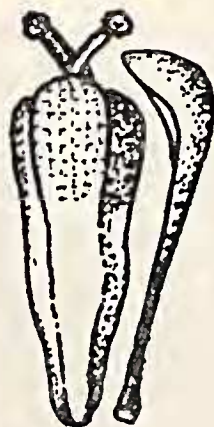
Est. III — Hábito de *Lophophytum Leandri* Eichl., seg. Mart. Fl. Bras.



Est. IV — Hábito de *Lophophytum mirabile* Schott. et Endl., seg. Mart., Fl. Bras.



Est. V — Hábito de *Lathrophytum Peckoltii* Eich., seg. Mart. Fl. Bras.



Est. VI — Flór feminina *Lophophytum Leandri* Eichl., vendo-se a bráctea e a flór feminina.

e reduzido a pó é preconizado no tratamento da epilepsia e ictericia. Vulgarmente é chamada “Batata de escama”, “Boa noite”, “Espiga da terra”, “Pinha de ralz”, “Sanchim”, “Urupitim”.

Área geográfica:

Lophophytum Leandri Eichl. — Estado do Rio, Santa Catarina, Guanabara.

Lophophytum mirabile Schott et Endl. — Guanabara, Estado do Rio, Santa Catarina, Minas Gerais.

Material examinado de *L. mirabile*: Sacopã, Guanabara, leg., Kuhlmann RB. 74274, Carp. n.º 3051.

Indicação bibliográfica — *Lophophytum mirabile* — Eichler (2) Harms (5).

Lophophytum Leandri — Eichler (2) Harms (5).

Lathrophytum

Eichlr. Bot. Zeitung XXVI (1868): 513, t. 9.

Rizoma tuberiforme, sem escamas; pedúnculo da inflorescência circundado na base por uma bainha larga caliciforme, profundo lobada, com 3 cm de comprimento; espádice bissexuado; na parte inferior se dispõem as espadicelas femininas curto pediceladas (cêrca de 20-30); flôres femininas verticiladas; flôres masculinas muito numerosas, na parte superior do espádice; brácteas das flôres e das espadicelas faltam. Flôres masculinas nûas; estames 2; anteras sêsseis, cordiforme-elíticas, ditecas, tetraloculares, rimosas, assentadas sôbre uma proeminência triangular, comprimida lateralmente, pólen elítico trisulcado, sem póros, com exina lisa; ovário oboval; estilete 2; fruto nuciforme com exocarpo quase crustáceo e endocarpo endurecido delgado.

Planta carnosa, glabra, castanho-avermelhada.

Lathrophytum — “Planta ladra” ou “Planta escondida”.

Area geográfica — Guanabara, Estado do Rio.

Lathrophytum Peckoltii Eichl. (1868) — É a única espécie dêsse gênero, sendo chamada vulgarmente “Espiga sêca”. Seg. Harms sôbre raízes de *Myristica bicuhyba*.

Material examinado: Jacarepaguá, Estado da Guanabara, Carpotêca 1457, leg., E. Pereira, 5645, 16-10-1960.

Indicação bibliográfica — Eichler (2) Harms (5).

BIBLIOGRAFIA

- 1 — BAILLON, H. — Dictionaire de Botanique, t. I (-C): 351, 352. Paris.
- 2 — EICHLER, A. GUILIELMUS — In Martius, Fl. Brasiliensis 4 (2): 2-114. Alemanha. 1869.
- 3 — EVERETT, H. L. A. M. e ALBERTO LOEFGREN — Analysis de Plantas. 1905. São Paulo.
- 4 — FALCÃO, WANDETTE FRAGA DE ALMEIDA — Contribuição ao estudo da Família *Balanophoraceae* (Tese para o concurso de botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro).
- 5 — HARMS, H. — Die Natürlichen Pflanzenfamilien, 2a. edição, vol. 16b: 296-339. 1935, Leipzig, Alemanha.
- 6 — LOEFGREN, ALBERTO — Manual das Famílias Naturaes Phanerogamas. Rio de Janeiro. 1917.
- 7 — PECKOLT, THEODORO e GUSTAVO — Historia das Plantas Medicinai e Úteis do Brasil. Págs. 1064-1081, Rio de Janeiro, 1896.
- 8 — WETTSTEIN, FRITZ — Tratado de Botânica Sistemática, pgs. 605-606, Buenos Aires, Montevidéu, 1944.
- 9 — PIO CORREA, M. — Diccionário das Plantas Úteis do Brasil e das exóticas cultivadas, vol. I, 1926; vol. II. 1931.